

Nuffield Adventure

Uma experiência de vida

Murilo Bettarello



ÍNDICE

Prefácio - 4

Nuffield Adventure - Uma experiência de vida / Singapura - o Hub da Ásia - 6

Índia, um país de contrastes em transformação - 8

14/05 - Sul da Índia - Produção de orgânicos na região de Bangalore - 8

15, 16 e 17/05 - Coimbatore e Selem - 11

18,19 e 20/05 - Estado de Punjabi - 15

21 , 22/05 - Nova Delhi - 18

23 a 28/05 - Qatar, o dinheiro do petróleo moverá o Oriente Médio até quando? - 21

CASE: Hassad Food – Produzindo verduras no deserto - 22

CASE: Baladna Milk Farms – Importando ração para fornecer leite nacional - 23

Dinamarca: feliz em um domingo ensolarado de primavera - 23

CASE: Associativismo na Dinamarca - 24

CASE: Novas gerações de pescadores - 28

CASE: Cooperativa – Subsídios: Ajudam a manter ou servem para controlar? - 28

CASE: Danish Cow – Cooperativa de atuação global - 29

CASE: Manssom Foods – Empreendedor desde pequeno - 29

Reino Unido, uma pequena ilha com grandes ideias - 30

Nuffield Triennial Conference - 31

Reino Unido e o “BREXIT” - 32

CASE: Reforçando vínculos com os consumidores - 32

CASE: Produção de leite robotizada - 32

CASE: Produzindo energia e biogás na fazenda - 33

CASE: Colaboração Overbudy Farm - 33

CASE: JCB - 34

34 **EUA – Modelos agrícolas semelhantes, mas com importâncias diferentes / Conhecendo sua história -**

USDA e suas políticas - 35

A famosa FARM BILL - 35

CASE: O papel de associações e colaboração entre produtores - 36

Iowa, um estado movido pela agricultura - 36

Iowa State University - 41

Para frente - 45



Murilo Martins Ferreira Bettarello é Eng. Agrônomo formado pela ESALQ/USP 2007. É entusiasta por inovação e adoção de tecnologia no campo. Compartilha seus conhecimentos na empresa de consultoria da qual é sócio ViaVerde (www.viaverde.agr.br) aonde atua com assistência técnica e estratégica, para produtores, associações, ONGs, governo e empresas rurais. É também fundador da Startup IZagro, que utiliza aplicativo e inteligência artificial para ajudar e levar informações e auxiliar produtores a economizar tempo em cotações e compras de insumos.

Prefácio

Com este livreto, quero compartilhar um pouco da fantástica experiência que tive ao visitar a Índia, o Qatar, a Turquia, Dinamarca, Inglaterra, Austrália e os Estados Unidos entre maio e junho de 2017 pelo programa de desenvolvimento de líderes agrícolas da Nuffield Internacional. A Nuffield é uma organização internacional de líderes agrícolas, criada em 1947 para estimular o aprendizado e colaboração entre países, na Nuffield acreditados que líderes são a base por uma sociedade desenvolvida e sustentável.

Minha intenção é apresentar algumas opiniões sobre a agricultura que tive o prazer de conhecer e tentar, através deste relato, contribuir com o aprendizado de colegas envolvidos com agricultura e pecuária brasileiro.

Tudo começa com uma volta pelo mundo em 50 dias, conhecendo pessoas fantásticas envolvidas com agricultura em diferentes países! Agradeço hoje a minha mãe e ao meu pai por me ensinarem o gosto pela aventura de viajar, de sair de nossa zona de conforto, explorar o novo e descobrir que cada vez mais uma mente que se expande a novos aprendizados nunca volta ao estado original.

Este relato é informal, dedicado a jovens, líderes e empreendedores na área agrícola. É com vocês que possuem a coragem de empreender e produzir em nosso país, que em especial compartilho esta experiência. Vou tentar comparar os desafios de nossa agricultura, que não são pequenos, mas também ressaltar as grandes oportunidades que temos hoje.

Ao rodar o mundo, vejo que o Brasil possui muitas oportunidades pouco exploradas e que estas oportunidades, assim como o solo, necessitam de boas sementes para que germinem e floresçam. Vejo com otimismo diversas iniciativas que surgem no país com trabalho duro de diversas associações de agricultores, federações e cooperativas em se unir em busca de melhorar a cadeia de firma geral. São associações/Cooperativas que promovem, união, riqueza e compartilhamento e alinhamento de propósitos e informações. É como o capitão de um barco ajudando todos os produtores a remar para o mesmo lado. E vejo que apesar de bons trabalhos que podemos destacar ainda precisamos evoluir bastante. Precisamos não só que as associações e cooperativas melhorem, mas também que seus associados e cooperados participem mais, não adianta que o produtor fique esperando passivo em sua fazenda e reclamando de governo e atitudes de diretoria de sindicatos, associações e etc. Precisamos de líderes e produtores com ação! Pessoas que se capacitem e disponham de tempo para fortalecer e trabalhar pelo bem comum. Essas são algumas das oportunidades que vejo no setor agrícola brasileiro.

Tive a felicidade de conhecer alguns modelos não perfeitos, mas com bastante êxito de associativismo e cooperativismo em países como Reino Unido, Dinamarca e EUA, e não só a força e dedicação de seus líderes mas também a cultura de colaborativismo e participação entre produtores. Neste artigo visou compartilhar um pouco a

experiência vivida e convidar a refletir, de como membros do agronegócio podemos aproveitar e explorar estas iniciativas para o bem comum.

Durante essa jornada, pude observar que os grandes desafios da agricultura são globais! A crescente população urbana e a comunicação deficiente entre campo e cidade são desafios que devemos superar em conjunto, através de união de produtores e demais players do agronegócio. Precisamos, cada vez mais, fazer uma comunicação assertiva e verdadeira. A falta de jovens envolvidos com a agricultura também é um problema global. Precisamos incentivar jovens a trabalhar com agricultura e mostrar os benefícios e a qualidade de vida que podemos ter, além de incentivá-los a investir no setor e a trazer novas ideias. Este fato vejo com grande otimismo, pois enxergo na juventude agrícola do Brasil, preparo, boa formação e vontade de inovar e trabalhar. Apenas precisamos construir mais programas que incentivem estes jovens a trabalharem em suas empresas agrícolas e que eles possam "tentar" e "errar" em pequenas proporções e assim ir adquirindo a confiança da família.

Agricultura é um negócio com alta barreira de entrada e vi algumas interessantes ações educativas na associação de pescadores na Dinamarca e união de jovens agricultores nos EUA. Como consultor, considero que este desafio mundial possa trazer uma vantagem para a agricultura brasileira, aonde muitos jovens competentes e engajados visam melhorar seus negócios agrícolas e em alguns casos também sua comunidade. No nosso caso, o desafio é falar sobre sucessão familiar e dar chances para estes jovens liderarem e se arrisarem.

Outro importante desafio, que é mais econômico do que agrícola, é pensar na possibilidade de equilibrar os subsídios agrícolas em países desenvolvidos com a necessidade de investimentos e apoio que pequenos e médios produtores necessitam em países como Brasil, Quênia, Paquistão e Índia. Muitas vezes, os trabalhadores agrícolas na Europa ganham 20 vezes mais que um pequeno produtor na Índia. Como manter o bem-estar de vida europeu e impedir concorrência desleal com agricultores de outros países? É difícil encontrar respostas para questões como essa, por isto convido vocês a refletirem um pouco e compartilho as experiências que obtive recentemente. Por ora, apenas fico, cada vez mais, com a certeza de que um produtor sozinho é um fio de nylon; juntos formamos uma forte corda importante para puxar e mover o mundo.

Esta união também promove discussões importantes sobre a armadilha de produzir cada vez mais. É importante produzir mais e de forma mais eficiente, porém o tempo e volume é importante ter planejamento e controle. Não adianta o Brasil produzir mais de 120 milhões de toneladas de soja, 60 milhões de sacas de café se não tem para quem vender. É importante crescer com planejamento e estratégia para o produtor brasileiro não acabar alimentando o mundo e morrendo de fome.

Por último, ressalto que fazer comparações entre países é inevitável. Este foi o objetivo da grande viagem que fiz e essas comparações não são para apontar as fragilidades do Brasil em relação a outros países, mas sim para identificar oportunidades de melhoria.

Gostaria também de agradecer à minha esposa Ana, por ser a ancora em nossa família no período em que estive ausente, cuidando da casa e de nossa pequena Rafa. À equipe da ViaVerde Consultoria que seguiu a barra enquanto eu estava fora, mantendo empresa e clientes no eixo. A equipe da Startup agrícola IZAGRO que continuou inovando e construindo nossa inovação web/mobile para agricultores. À empresa Nufarm que acreditou no programa Nuffield no Brasil e investiu, mais uma vez, na agricultura brasileira, me proporcionando participar deste programa na pessoa do Marcos Gaio, a Ana Paula Ponchio assessora de imprensa "pró-bono" da Nuffield e Ericson Cunha que corrigiram este livreto. E à Sally Thomson que, além do apoio e toda dedicação que tem pela Nuffield, me ensinou que muitas vezes um peixe rápido é melhor que um peixe grande, mas o melhor é juntá-los.

Nuffield Adventure - Uma experiência de vida

Singapura - o Hub da Ásia

Após 30 horas de voo intercaladas por paradas que somaram 38 horas em aeroportos de quatro países, cheguei em Singapura. Começava ali uma grande aventura de 50 dias. A hora para o GFP (Global Focus Program) da Nuffield chegou. Nesta viagem, visitaremos sete países conhecendo suas características agrícolas e compartilhando nossa opinião, quarto, sanduiche, internet, carro, fotos, saudade da família e as vezes até cama! Com mais 10 líderes agrícolas de 6 diferentes países do globo (Irlanda, Holanda, Reino Unido, Nova Zelândia e Austrália) e que através destes pequenos textos gostaria de compartilhar com vocês.



Figura 1: Presenteando Diretores do Banco ANZ com um delicioso café brasileiro

Singapura é o principal Hub da Ásia, principalmente de commodities agrícolas; é também o segundo maior hub em negociação de commodities do mundo, perdendo apenas para Suíça. Hoje Singapura, apesar de ser um pequeno “país-cidade”, é uma potência econômica mundial sendo um dos 10 melhores países do mundo para se fazer negócios. Feitos incríveis já que o país conta com uma população de 5,5 milhões de habitantes.

Tudo é organizado, extremamente limpo e os imponentes prédios abrigam traders e pessoas ligadas ao comércio e finanças do mundo todo. Apesar de não ter sequer uma fazenda, Singapura exporta e negocia diversas

commodities, sendo que algumas de suas principais vantagens competitivas são a força de trabalho qualificada, a liberdade de mercado e as parcerias bilaterais com diversos países.

Em dois dias, visitamos 3 empresas. A primeira delas foi o Banco ANZ, onde conversamos um pouco sobre o mercado asiático e como o consumo mundial irá mudar. A classe média asiática passará de 13% da população mundial hoje para 66% da classe média mundial em 2050.

Outra visita interessante foi na sede da Syngenta da Ásia. Eles nos apresentaram os planos de utilizar tecnologia mobile, internet e fermentas on-line para se comunicarem com os mais de 200 milhões de pequenos produtores rurais asiáticos, que possuem em média 2 hectares. Vão ficando cada vez mais claros que os desafios da agricultura são parecidos e que é necessário esforço conjunto de diferentes elos das cadeias para superá-los.



Figura 2: Apresentação do good growth plan

Índia, um país de contrastes em transformação

Após curta escala em Kuala Lumpur, chegamos em Chennai (Índia) à noite. Fomos muito bem recebidos por nossos guias. Eles são líderes voluntários ligados à agricultura dos países que visitamos e organizam nossas visitas em fazendas, empresas, universidades e nos acompanham no período em que ficaremos em seus países. Com muita paciência, nos explicam sobre a agricultura e nos dão suas opiniões sobre as regiões que visitamos. São atenciosos e se divertem com nossa ansiedade por respostas e conhecimento!

Na Índia, nossos guias foram Satwant Singh, uma neozelandesa descendente de indianos que produz leite na Nova Zelândia. Satwant é Nuffieldiana de 2015 e trabalha na maior empresa/cooperativa de produtos lácteos do mundo, a Fonterra. Nosso outro guia, um indiano nativo, é Ramesh. Além de produzir bananas, possui uma indústria de fertilizantes orgânicos e nos acompanhou pelo sul da Índia.

Ao chegar neste país, nos deparamos com o trânsito bem movimentado e barulhento! Buzinas, Tuc-tucs, carros para lá e para cá. Aqui as pessoas buzina para passar, para frear e mesmo se tudo estiver bem, elas buzina mesmo assim. Por mais caótico que pareça, os carros fluem e, em três dias, não vimos nenhum acidente. Aqui você aprende que, em um país muito populoso, qualquer “brecha”, por menor que seja, precisa ser ocupada, se não for por você, alguém ocupará! Esta experiência passei no aeroporto na fila para o raio-X da bagagem. Se você não entrar e ocupar seu espaço, simplesmente as pessoas vão passando na frente.

14/05 - Sul da Índia - Produção de orgânicos na região de Bangalore

No primeiro dia de visita, descemos para o Sul, próximo à cidade de Bangalore, para conhecer uma iniciativa de agricultura orgânica envolvendo produtores e um líder regional que fez fortuna na indústria de software e voltou para tentar contribuir com a agricultura de sua região. Mandya Agriculture - <https://www.facebook.com/organicmandya/> .

Dormimos na fazenda orgânica e após um banho frio no balde e caneca, é assim que tomam banho aqui, vimos um pouco da ordenha e a produção de fertilizante e biocomposto para evitar doenças e estimular as plantas.



Figura 3: Biocomposto sendo preparado

A ideia principal de Madhu Chanda, fundador da Organic Mandya, é que os milhões de produtores familiares produzam primeiro para eles próprios, depois para vilas locais e, se sobrar alimento, que vendam então para os dois supermercados que Madhu Chanda possui.

O que o move é manter jovens no campo e trazer as pessoas de volta ao contato com a terra. Poético? Sim! Mas em uma sociedade como a Indiana, que irá mover mais de 250 milhões (Mais de um Brasil) de pessoas para as cidades nos próximos 10 anos, é uma questão de suma importância. A conta dele é que, na vila, há cerca de 4 mil famílias que gastam em média 80 US dólares/mês com verduras e alimentos. Isto se torna 4 milhões de dólares por ano. A ideia é manter este valor na Vila e é uma conta que faz sentido.

Existe uma grande preocupação sobre a necessidade de importação de alimentos caso os indianos passem a ter hábitos de consumo semelhantes aos de países desenvolvidos. Se um indiano consumisse igual a um cidadão de países do ocidente, os recursos naturais da terra não seriam suficientes para sustentar seus 1,4 bilhão de habitantes.



Figura 4: No caminho para a área rural, nos deparamos com diversas trabalhadoras rurais. Na Índia, é comum a mulher desempenhar trabalho pesado no campo

Após um almoço delicioso no restaurante local ligado ao supermercado, com direito a garapa, que aqui chama Jerryjuice, nos dirigimos para o aeroporto com destino a Coimbatore e Selem.

15, 16 e 17/05 - Coimbatore e Selem

Ao chegarmos em Coimbatore, fomos todos com fome a um restaurante local. A comida na Índia é um capítulo à parte. Apesar de picante, tudo é delicioso. Os sabores, cores, temperos e pães são uma experiência à parte que, ao serem apreciadas apenas com as mãos já que não existe garfo e faca em restaurantes do sul da Índia, esquecemos do bife nosso de cada dia. Em 10 dias na Índia, não vimos nenhum sinal de carne bovina.

As vacas aqui são animais sagrados, por religião e por necessidade. Como força de trabalho, são usadas para todo tipo de atividade agrícola e cada produtor possui duas ou três vacas em suas mini-fazendas. Elas fornecem leite e fertilizante orgânico, força de transporte e trabalho na lavoura, no arado ou irrigação. O seu esterco seco também serve como fonte preciosa de combustível. Além disso, elas possuem espaço sagrado em cada casa Indiana e não pastam, recebendo comida em pequenos cochos.



Figura 5: Vacas como meio de transporte de carga

O dia seguinte em Coimbatore começou com um bom café da manhã regado de arroz e diversos molhos deliciosos e apimentados. Eles comem arroz no café, no almoço, no lanche e no jantar.

Fomos até a universidade de Tamil Nadu e conhecemos experimentos com sistema de integração de frango, perus, peixes e arroz e a importância dos órgãos de assistência técnica que levam conhecimento aos grupos

de produtores rurais da região. Funciona assim, as aves são alimentadas com arroz, milho e feijão; seus dejetos caem em um lago e servem de alimentos para peixes. As águas e resíduos orgânicos destes lagos são usadas nas lavouras de arroz e milho adjacentes. Um sistema integrado de produção que satisfaz bem as necessidades da agricultura familiar indiana.

Após um painel com estudantes da universidade, onde compartilhamos um pouco sobre os desafios da agricultura global e a falta de interesse dos jovens pela agricultura na Índia, dirigimos 250 km para o sul, em direção as montanhas de Selem. Subimos de 200 para 1.400 metros de altitude para conhecer a fazenda Moganad Estate Coffee., uma propriedade familiar de quatro gerações, certificada pela Rain Forest e UTZ, produtora de variedade de cafés arábica e robusta. O cultivo de café é sombreado e com uso intensivo de mão de obra, mas baixo uso de insumo. É necessário uma pessoa por hectare e o custo da diária gira em torno de 20 reais, sendo que os trabalhadores vivem em vilas praticamente dentro da fazenda.

Fiquei impressionado ao ver que mesmo em um país populoso como Índia, fazendas de cafés também enfrentam problemas de falta de mão de obra. A fazenda é linda e produz, além de café, pimenta e árvores madeireiras consorciadas com café, que fornecem 30% da renda. A maior parte, cerca de 70%, vem do café, que ainda apresenta baixa produtividade: cerca de 750 kg/hectare (12,5 sc/ha).



Figura 6: Casa comum nas vilas agrícolas. Um cômodo com quarto, cozinha, banheiro e uma varanda para os animais



Figura 7: Café arábica sombreado em consórcio com madeira

Após visitar a fazenda, voltamos para Bangaluro e, depois, novamente para a movimentada Chennai. Bem antes do amanhecer, às três horas da madrugada, fomos para o mercado de Chennai, que deve ser umas seis vezes maior que a Ceasa de São Paulo. Visitamos o mercado das frutas, flores e legumes. São cerca de 4 mil boxes de comércio e indianos zanzando e carregando grandes sacos para todos os lados. Aqui o trânsito de pessoas chega a ser igual ao de carros e tuc-tucs nas ruas. As cores, cheiros e sabores são parecidos com nosso país tropical, porém, são mais intensos, somando-se aos vestuários e panos coloridos.

Vendo a efervescência do mercado, me desperto para o fato de que os indianos são bons comerciantes, com tino empreendedor. Para sobreviver aqui, também é necessária uma boa dose de malícia, conhecimento do mercado e ousadia. Os mercados locais são muito movimentados também porque praticamente não existem grandes supermercados na Índia e a população compra comida fresca todos os dias em mercados locais.



Figura 8: Mercado das flores



Figura 9: Produtor no mercado de Chennai

18,19 e 20/05 - Estado de Punjabi

Após a movimentada Chennai e o sul da Índia, tomamos o 5º voo em cinco dias para o dinâmico estado de Punjabi. Localizado ao pé do Himalaia e na fronteira com o Paquistão, esse estado tem a benção de ter dois grandes rios provenientes do degelo, que irrigam 60% de sua área agrícola. Nesse estado tivemos a oportunidade de conhecer excelentes pessoas, que dirigem instituições de pesquisas, associações de produtores e universidades que fazem com que o trabalho duro proveniente de 1,6% da área da Índia produza mais de 50% do arroz e trigo do país.

Visitamos a Punjab Agriculture University (PAU), referência em pesquisa, ensino e extensão rural. Podemos ver os trabalhos de capacitação de produtores e transferência de tecnologia, desenvolvimento de híbridos resistentes e o envolvimento de professores e alunos para ajudar produtores a desenvolverem produtos inovadores ou máquinas para melhoraem seu dia a dia. A universidade faz dias de campo e chega a receber de 5 a 6 mil produtores em um dia, belo exemplo de aproximação da Universidade com o campo, uma boa pratica que devíamos tentar aplicar mais no Brasil.

Outra importante visita foi ao Instituto Norman Borlaug para incentivo ao Sul da Asia (BISA – www.bisa.org). Norman Borlaug foi o “pai” da “Revolução Verde”. Desenvolveu trabalhos de melhoramento genético em plantas de trigo e novas técnicas de produção que permitiram aumentar a produtividade da agricultura em países tropicais em três, quatro e até seis vezes em relação ao que era obtido antes da década de 1950. Em reconhecimento às suas contribuições, Norman Borlaug ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1970. Dedicou sua vida a criar projetos, e a apoiar pesquisas para desenvolver a agricultura em países em desenvolvimento. A criação do BISA (Borlaug Institution for Suth Asia - <http://bisa.org/>) é um exemplo da obra de Borlaug.

Apesar de críticas importantes que a Revolução Verde recebeu devido aos seus efeitos colaterais ao meio ambiente, o fato é que o conjunto de práticas encampados sob esse título desenvolveu a agricultura em diversos países e permitiu que produzissem comida barata para as milhões de pessoas que neles vivem, dando a elas acesso a algo que era extremamente difícil se ser obtido: comida! Nestas viagens por populosos países asiáticos, vejo cada vez mais a importância de acesso a comida. Só depois de “matar” a fome, as pessoas pensam em outros acessos, como educação, saúde, internet.



Figura 10: Norman Borlaug Instituto para Ásia (BISA). Equipamento decorativo do Instituto Borlaug para Ásia (BISA)

Ainda em Punjab, nosso grupo discutiu a importância em se ter uma agricultura forte e como os estados agrícolas são mais desenvolvidos. O estado de Punjab é mais limpo, organizado e tem índice de desenvolvimento humano superior ao restante da Índia.

Aliás, as discussões em grupo são um capítulo à parte de nosso GFP. O valor de discutir e compartilhar opiniões sobre agricultura, política e desenvolvimento com outras 10 pessoas envolvidas em agricultura de seis países diferentes (Brasil, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda, Reino Unido e Holanda) é INCRIVÉL. Apesar de termos características diferentes, cada vez mais percebemos que os desafios da agricultura são globais. Clima, educação, sucessão familiar, acesso a mercado, força de trabalho e baixo valor agregado de produção. Cada vez percebemos o quanto a agricultura é importante para o ser humano e ao mesmo tempo seu valor de mercado é baixo, a porcentagem do valor financeiro que ela movimenta no mundo é baixa.

No dia seguinte, logo cedo nos dirigimos para uma escola que educa alunos de vilas agrícolas da região, principalmente mulheres que, em um sistema de castas, ainda têm pouca liberdade na Índia. É impressionante ver o valor e respeito que esses alunos e alunas dão à escola e aos professores, “coisa” que de algum modo perdemos no Brasil, principalmente no campo. A escola é financiada e gerida por líderes locais que doam seu tempo e dinheiro para conseguir melhorar um pouco seu país.

A escola começou em 1969 com uma sala de aula e hoje educa quase 2.000 alunos. É admirável ver como ações que começam pequenas, mas que contam com líderes engajados, mudam o mundo. Precisamos cada vez mais apoiar ações como estas e investir em líderes locais, investir em pessoas sempre foi um bom negócio, e o setor agrícola brasileiro precisa apoiar e fortalecer ações conjuntas de líderes e educadores. Só assim

conseguiremos superar os grandes desafios de nosso setor. Quem sabe conseguimos montar algo como a Fundação Lemann para a agricultura brasileira?



Figura 11: Escola financiada por Indianos para empoderar especialmente mulheres com conhecimento

Após a escola, visitamos uma indústria local que trabalha com vegetais congelados para o mercado interno (60%) e exportação (40%). A indústria Pagro atende supermercados, restaurantes e foodservice; tem capacidade de processar 550 toneladas de vegetais por dia, vindos de cerca de 700 produtores que cultivam aproximadamente 1.500 hectares. Seus padrões de qualidade são internacionais e conseguem atender até mercados superexigentes como o Japão. O nível de automação da fábrica é surpreendente, bem acima dos padrões da Índia. A mentalidade do líder é automatizar para competir globalmente e, com isso, gerar mais demandas para produtores rurais da região. Por um lado, essa estratégia tira empregos na indústria, mas, por outro, dinamiza e gera vagas no campo, possibilitando competir com players locais.



Figura 12: Fábrica da Belo Monte de processamento de vegetais

21 , 22/05 - Nova Delhi

Completando duas semanas de GFP, e a saudade da família aperta, mas a vontade de aprender e conhecer não para. Chegamos em Delhi, a capital da Índia. Aterrissamos em uma manhã quente e chuvosa, clima não muito típico nesta época. Passeamos um pouco pela cidade que possui 22 milhões de habitante e todos os desafios de uma cidade deste porte. No outro dia de manhã, nos dirigimos a Binsar Farms, uma fazenda de leite, de dois amigos empreendedores que eram do ramo de TI (Tecnologia da Informação). Um havia largado o emprego havia cinco anos e o outro estava na última semana de emprego. Muito interessante ver como empresários fora do ramo tradicional agrícola trazem inovações, pois não estão “viciados” em sempre fazer as coisas do mesmo modo. São fortemente movidos pela vontade de fazer melhor, com mais produtividade, ganhar dinheiro e ajudar mais pessoas com isto.

A fazenda Binsar produz 3 mil litros de leite/dia, com excelente qualidade. Toda a produção é entregue em mercados e residências locais por trabalhadores freelances de empresas como McDonald’s e KFC. Eles entregam o leite fresco e pasteurizado para clientes antes de irem para o outro trabalho, com bicicletas e tuk-tuks. A fazenda também doa 5% de sua produção todos os dias para escolas carentes da região. Assim, fica a máxima: quem quer, faz; quem não quer, arruma desculpa.



Figura 13: Produtor com orgulho de sua produção de qualidade!

O compromisso seguinte de nosso grupo, ainda em Nova Delhi, foi na Embaixada da Nova Zelândia. Lá, víamos o excelente trabalho que realizam para construir relações comerciais com a Índia. A Índia é o maior produtor de leite do mundo e, mesmo com população crescente, o seu mercado ainda é muito fechado. Não permitem, por exemplo, importação de leite. A Nova Zelândia, por sua vez, é a maior exportadora de leite e eles, simplesmente, poderiam não fazer bons negócios. Mas o que acontece é o contrário. Por um lado os esforços da NZ são em ensinar os indianos a produzir mais leite, maçã e kiwi e, com isso, aumentar o tamanho do mercado indiano. Assim, os neozelandeses poderão exportar seus produtos agrícolas para a Índia em tempos de baixa estação. Achei muito interessante esta estratégia de compartilhar e vender tecnologia, visando aumentar a “pizza” para todos.



Figura 14: Visita à Embaixada da Nova Zelândia em Nova Delhi, capital da Índia

Ainda naquela manhã, visitamos uma favela atendida pelo Instituto Asha. Além de capacitar mulheres com vistas a aumentar o cuidado com a saúde em favelas e diminuir a mortalidade infantil, também possui um excelente programa de desenvolvimento de jovens, utilizando mentores locais para auxiliar no aprendizado de jovens indianos. Cada jovem possui um mentor que o ajuda nos estudos, contatos e colocação no mercado de trabalho. Conforme os jovens vão crescendo, eles se tornam mentores de outros jovens. Com isso, o programa ganha escala e é melhorado ano após ano. <http://asha-india.org/>

Passados 11 dias, chegamos ao final da “aventura” na Índia, mas continua forte a intenção de voltar e conhecer mais deste país complexo e fascinante! Lembranças de pessoas atenciosas, dedicadas e com sorriso no rosto seguem comigo. Levarei também o espírito de perseverança e liderança positiva de representantes locais querendo não apenas fazer o bem para seus negócios, mas também para seu país e comunidade. Em alguns anos, a Índia será o país mais populoso do mundo e espero que essas lideranças positivas floresçam e gerem frutos para cada vez mais construir uma Índia melhor.

Do ponto de vista agrícola, a Índia possui grande potencial de crescimento em muitas regiões pouco produtiva. Com certeza, a Índia precisará importar mais alimentos no futuro, mas também serão grandes produtores, autossuficientes em diversas cadeias produtivas. Vejo grande oportunidade para o Brasil em programas conjuntos de difusão de tecnologia, principalmente na área de agricultura tropical. Veja mais neste vídeo que compartilho: <https://www.youtube.com/watch?v=wHrxXslUxE&t=4s>

23 a 28/05 - Qatar, o dinheiro do petróleo moverá o Oriente Médio até quando?

Passamos cinco dias quentes no Qatar, baseados em Doha e orientados pelo simpático e bem humorado Matthew Ipsen, Matt é australiano e Nuffieldiano de 2014. Ele é veterinário e, além de criar ovelhas e cabras, presta serviço de diagnóstico de prenhez para outros criadores. Ele me disse que chega a fazer diagnósticos de 200 mil ovelhas por temporada.

Conhecendo o Oriente Médio, fica a dúvida: até quando o dinheiro do petróleo continuará a subsidiar operações agrícolas ineficientes em lugares em que, para se produzir, precisa-se lutar contra a natureza minuto a minuto? Não seria mais inteligente investir em países com maior aptidão à produção agrícola? Porque este investimento não ocorre? Segurança alimentar ou relações políticas?

Uma outra dúvida é sobre o futuro dos países dessa região. Com a tendência de queda do petróleo, alguns estão diversificando sua economia. O próprio Qatar terá a Copa do Mundo em 2022, mas um aspecto ainda negligenciado por eles é o investimento em pessoas. Dos 2,2 milhões de habitantes, apenas 300 mil são catarianos e não serão eles que puxarão o crescimento do país. Os 85% de não catarianos não se sentem parte do país. Não existe visto permanente e muitos vão lá, trabalham um ano e retornam para seus países – muitas vezes, as condições de trabalho no Qatar não são muito boas, principalmente para trabalhos braçais em construção e agricultura. Aqui, a máxima de Jorge P. Lemman de que investir em pessoas é sempre um bom negócio parece que não é aplicada.

Ao chegar no país, fomos ciceroneados pelo representante do Meat and Livestock Australia (MLA) no Oriente Médio. O MLA é um órgão independente financiado por produtores australianos. De cada bovino abatido, 5 dólares australianos são dedicados à instituição; de cada ovelha, vão 2%. Existem agentes locais espalhados pelos mercados importantes para Austrália para divulgar e promover seus produtos e empresas. Após a palestra de seus representantes nos dirigimos para o supermercado e encontramos, carnes de bois e cordeiros quase exclusivamente australianas.

Os cortes são frescos e muito bem apresentados. A rabada era comercializada a US\$ 12/kg, ou seja, R\$ 40,00/kg; a carne de Wagyu saía a US\$ 110/kg, ou R\$ 350/kg. Aqui, Australian Beef é uma marca e possui qualidade reconhecida e valor agregado. Em geral, 95% da comida do Oriente Médio é importante. Verduras, vegetais e frutas vêm de vários países; do Brasil, apenas vi frango congelado, em promoção! Queria ter uma MLA no Brasil, para divulgar nossas riquezas e produtos, mas será que o produtor abre mão de 2% de sua venda para um bem comum? Temos lideranças para iniciar este trabalho? A oportunidade está passando e novamente pouco é aproveitada pelo Brasil.



Figura 15: Carne australiana tem sua qualidade reconhecida e, por isso, é mais valorizada!

Visitamos um frigorífico na cidade de Doha no dia seguinte e novamente pudemos observar o excelente trabalho de relacionamento do MLA australiano. O frigorífico possui um confinamento acoplado que importa a cada dois meses 50 mil ovelhas australianas e 400 bovinos vivos. O frigorífico abastece 60% do mercado local de Doha e, no mês do Ramadã, seu movimento aumenta oito vezes. O frigorífico também importa carcaças da Austrália e da Nova Zelândia, mas a preferência cultural do muçumano é por abater os animais localmente. Na visita seguinte que fizemos, presenciei a prática dessa cultura.

Em um outro abatedouro também vimos que cabras, camelos, ovelhas são comprados vivos e levados para abate e desossa na vista do comprador, pela tradição de abater o animal. Nesta visita, vi muitos pais levando filhos para acompanhar o abate e o culto de respeito pela carne, pelo alimento é geral. Um sistema de rastreabilidade e certificação individual mostram o grau de exigência com relação a esse processo.

CASE: Hassad Food – produzindo verduras no deserto

Hassad Food é uma das maiores produtoras de comida do Qatar e pudemos visitar duas fazendas dessa empresa. Uma delas, de 5,5 hectares, produz com altíssima tecnologia diversos tipos de verduras – tomate, pimentão, pepino, pimenta e folhosas. A fazenda é gerida por Jean Pierre, um simpático francês que, como ele diz, veio “ensinar” os qatarianos a produzir no meio do deserto.

A outra fazenda fica a 30 km desta e é bem maior, com 750 hectares de feno em 12 pivôs. A água tratada é proveniente do esgoto de Doha e é subsidiada. No último ano, no entanto, o governo divulgou interesse por passar a cobrar pela água, e se isto acontecer, o negócio pode se tornar inviável. Por isso, estão tentando politicamente impedir a cobrança pela água de esgoto. A produção média é 10 toneladas de feno por hectare e a venda é feita pelo equivalente a R\$ 20,00 o fardo de 12 kg. (Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=QAYagi0us7Q&t=12s>)

O investimento para se produzir no deserto é imenso, tanto em estrutura quanto para manter a temperatura controlada na estufa e irrigar os campos de feno. Os preços obtidos variam entre um pouco positivo e abaixo do ponto de equilíbrio na maioria das vezes. Porém, as principais ambições são ter orgulho de produzir dentro do país e contribuir para a segurança alimentar, contando com altos subsídios do governo!

A Hassad Food também produz em outras partes do mundo. Tem, por exemplo, 150 mil hectares com ovelhas na Austrália. No Brasil, tentaram investir, mas não conseguiram. Dei meu cartão, claro!

CASE: Baladna Milk Farms – importando ração para fornecer leite nacional

Também próximo a Doha fomos conhecer a Baladna Milk Farms, um grande empreendimento produtor de leite. Eles possuem 40 mil animais entre cabras e ovelhas. A produção varia de 1 a 1,5 litro por animal/dia e o desafio é manter o conforto térmico dos animais. (Veja mais: https://www.youtube.com/watch?v=fQ_wSrbSI0A&t=4s)

A empresa produz leite para o mercado local e também possui uma marca para atender segmentos de alto poder aquisitivo – seus produtos são altamente valorizados. A ração dos animais é composta por trigo e cevada, provenientes da Rússia, Ucrânia e Argentina, o feno e a alfafa vêm do Pasquistão e Argentina. Vejo aí mais uma oportunidade para vendermos comida para estas unidades de confinamento do Oriente Médio.

Dinamarca: feliz em um domingo ensolarado de primavera

Um mundo mais completo e justo.... desejo que todos os países se tornem uma Dinamarca em um domingo de primavera! Nesse lindo país, encontramos Bernadete Mortensen, Nuffieldiana da Austrália 2015, nossa guia local. Durante suas viagens pelo Programa Nuffield, ela fez excelentes contatos na Dinamarca e abriu a oportunidade de termos uma semana do programa GFP para conhecer esse país que é famoso por ser feliz e bem estruturado.

A cidade de Copenhagen é fantástica. Possui uma imensa rede de ciclovias que conhecemos dirigindo em bicicletas mesmo! Com certeza, existem mais bicicletas do que carros. No jantar, tivemos a companhia de OJivd Kreeb, CEO da empresa Ingleby. A exemplo de muitos, ele também chegou de bicicleta. A Ingleby é um grupo de capital que investe em fazendas pelo mundo. São cerca de 100 mil hectares em países como EUA, Austrália, Peru, Uruguai e Nova Zelândia. Eles tentaram investir também no Brasil, mas a burocracia não permitiu.



Figura 16: Grupo Nuffield em um agradável passeio de bicicleta por Copenhagen

Na segunda-feira, tivemos uma mostra da agricultura da Dinamarca durante a visita à Universidade de Aarhus. Quase toda sua área é de terras planas, e o regime pluviométrico varia entre 500 e 900 mm/ano. O orçamento da Universidade gira em torno de R\$ 110 milhões/ano, e o foco de suas pesquisas é a diminuição da quantidade de agroquímicos no campo. Para tanto, realizam diversos experimentos de redução de doses de agroquímicos e divulgam boletins agrícolas frequentes sobre as condições agrometeorológicas e a susceptibilidade das principais doenças e pragas dadas as doses recomendadas. Assim, ajudam o produtor a tomar sua decisões.

Na Dinamarca, o uso de fertilizantes e agroquímicos é extremamente controlado, sendo obrigatório informar as quantidades utilizadas no ano. Quanto mais tóxico um agroquímico, maior são os impostos que incidem sobre ele. Esse modelo pode sugerir para nós, brasileiros, um caminho interessante para o combate ao uso indiscriminado no País sem ir para as vias de proibição e punição.

CASE: Associativismo na Dinamarca

A agricultura da Dinamarca me surpreendeu positivamente. É um setor bem desenvolvido e com muitos empreendedores, líderes que construíram um sistema de cooperativas (agroindústrias) que permitem ao país competir mundialmente.

A Associação dos Agricultores da Dinamarca representa todas as associações de produtores das diferentes culturas. Eles criaram esse interessante sistema porque a agropecuária envolve apenas 1,3% da população do país. O trabalho em conjunto é o caminho para serem ouvidos pelo governo e obterem políticas públicas. Divididos, não conseguiriam grandes feitos.

Visitamos a DFL (<https://www.dlf.com/>), uma cooperativa de sementes de pastagens de clima temperado. Produtores cooperados participam do Conselho, mas a gestão é bastante profissional. A DFL compete mundialmente com outras empresas de sementes, inclusive adquirindo algumas empresas pelo mundo. O lucro é dividido entre os sócios e cooperados.

Também visitamos uma fazenda de leite onde o produtor acabou de converter sua produção de 700 vacas jersey para orgânica. O sistema produtivo é baseado a pasto, com um modelo neozelandês de secar as vacas no inverno e deixando a maior parte da produção para o verão. Para converter a produção em orgânica, as fazendas recebem o equivalente a R\$ 1.000 por hectare ao longo de dois anos, e outros R\$ 1.000 por ha/ano fornecidos pela União Europeia como subsidio. A fazenda precisa se manter no sistema orgânico pelo menos por 5 anos se não precisa ressarcir esses R\$ 2.000 a mais que recebeu.



Figura 17: Campo de pesquisa de trigo



Conhecemos também uma fazenda de 250 hectares de cerejas, maçãs e peras. Interessante observar as enormes diferenças de valor pago aos trabalhadores no período da colheita. Em equivalente ao dólar norte-americanos, vi que na Dinamarca um dia de trabalho de colheita rende cerca de US\$ 140, na Austrália, US\$ 130, no Brasil, US\$ 30 e na Índia, US\$ 10.

Outro fato que me chamou atenção é como a fazenda aumentou seus ganhos com seu “packing house” importando frutas de países como Brasil e alguns outros países da África, manipulando e porcionando esses produtos para comercializá-los com empresas de food service. Os produtos são minimamente processados e geram facilidade para hotéis, restaurantes que também possuem alto custo de mão de obra. Veja mais: https://www.youtube.com/watch?v=YKwy3_IQVHY&t=1s



Figura 18: Plantação de cerejas Dan Frugt

No outro dia visitamos um produtor tradicional e seu filho que tocam juntos uma fazenda de aproximadamente 300 hectares com plantio direto de trigo, canola e sementes de pastagens. Também possuem um negócio interessante de produção de árvore de Natal, que chega a faturar o equivalente a R\$ 37.000/ha/ano. As árvores são plantadas por mudas e chegam a custar R\$ 75 , com 10 anos e 1,8 metro de altura.

O produtor também possui 2 geradores eólicos, que geram uma importante renda para a propriedade. Um fato importante é observar como produtores de vanguarda não somente nossos clientes que trabalhamos fortemente com este sistema do Brasil, mas também produtores europeus e que buscam alta produtividade estão valorizando cada vez mais a biologia e a vida no solo. Fato que acredito ser fundamental para sair de produtividades boas, para produtividades excelentes.



Figura 19: Produtor demonstrando vida e matéria orgânica em um sistema de plantio direto

CASE: Novas gerações de pescadores

A visita na Associação de Pescadores da Dinamarca nos mostrou como eles estão contornando o problema de não atrair jovens para o setor. Os pescadores acordaram em pagar 0,2% de suas vendas para um fundo que treina jovens. O programa inclui dois anos de estudo na escola de pesca e, depois, mais um ano de estágio em algum barco pesqueiro ou fazenda de peixe. Um terço do salário de cada jovem aprendiz é pago pela Associação. Após um ano, ele consegue empréstimo para iniciar um negócio no setor de pesca, e com carência de quatro anos para começar pagar.

Achei muito interessante a estratégia de formar pessoas e até mesmo “concorrentes” para reforçar o setor, já que acabam se tornando novos investidores no setor. A mentalidade consiste em aumentar a pizza para que todos tenham pedaços maiores, e não apenas diminuir o número de beneficiados com uma fatia. Assim, vejo que é cada vez mais importante que nossa agricultura pense no coletivo, no crescimento em conjunto, na inclusão de jovens e nas possibilidades para que eles empreendam. Com jovens, inovação, apoio e investimentos podemos gerar um benefício para todo o setor e quem sabe conseguir construir uma marca forte para a nossa Brazilian Agriculture!

CASE: Cooperativa – Subsídios: Ajudam a manter ou servem para controlar?

A SFL é uma cooperativa com um centro de pesquisa, gerida por produtores para atender e prestar consultoria para produtores agrícolas. O centro possui 100 consultores e atende a cerca de 11 mil fazendas por ano, quase 1/3 das fazendas da Dinamarca. A maior parte do trabalho destes consultores é de escritório, em especial a contabilidade e outros serviços referentes ao controle de insumos para recebimento de subsídios. Na Dinamarca, cada produtor recebe o equivalente a R\$ 1.200 /ha/ano de subsídio. Para tanto, ele precisa enviar um formulário de tudo que foi gasto. A partir dessa sistemática, o governo possui alto controle sobre insumos utilizados e, em muitas áreas, o uso de adubo químico é restrito a 100 kg de Nitrogênio por hectare.

Em conversas com produtores, constato que alguns veem o subsídio como uma forma de controle e não gostam da burocracia, porém também acham que os subsídios são importantes para manter os produtores no campo. Na minha opinião, subsídios agrícolas na Europa são uma forma social de diminuir a concentração de terras e distribuir renda para produtores, porém não deixa de ser uma forma de continuar perpetuando “pobrezas” no campo de países em desenvolvimento como Brasil e tantos outros da África e Ásia que acabam enfrentando concorrência desleal, pois produtores europeus conseguem produzir alimentos sem necessariamente serem lucrativos em suas fazendas.

CASE: Danish Cow – Cooperativa de atuação global

Danish Crow é uma cooperativa com 7.600 membros, 22 mil funcionários, que abate, por ano, 22 milhões de suínos e 700 mil bovinos. A empresa/cooperativa possui unidades no Reino Unido, Alemanha e China, competindo no mercado global. Essa atuação confrontam bastante com o desmoronamento da imagem de “campeões nacionais” como JBS e Grupo Eike “X”, outrora impulsionados por grandes empréstimos do BNDES. Mas o Brasil tem também outros casos propriamente bem-sucedidos para serem relatados. Nesse grupo, podem ser citadas as cooperativas Aurora, Cooxupé e Coamo, por exemplo. É sabido que para se ter gestão competitiva de fato precisamos treinar e estimular líderes agrícolas para assumirem papéis de liderança local e global de nosso agronegócio.

CASE: Manssom Foods – Empreendedor desde pequeno

Manssom Foods é uma empresa que planta 1.000 hectares de vegetais orgânicos que vão abastecer supermercados da Dinamarca e Alemanha. Nesta empresa, podemos observar como a vontade, o trabalho duro e a garra de um empreendedor podem construir grandes negócios. Axel Manssom, o proprietário, não vem de família de agricultores. Começou com 15 anos de idade a arrendar terras para plantar batatas e hoje possui a maior fazenda de vegetais orgânicos da Europa.



Figura 20: Axel Mansson, proprietário da maior fazenda de vegetais orgânicos da Europa

Após a visita pegamos um ferry boat para cruzar o mar, saindo de Aarhus em direção a Copenhagen, fui entendendo porque a Dinamarca é um dos países mais felizes do mundo. Lá tudo funciona! No Ferry, você entra com seu carro, paga e fica 30 minutos em uma cadeira confortável tomando um chocolate quente enquanto espera o barco fazer em 30 minutos o que dirigindo levaria quatro horas.

A qualidade de vida, a liberdade que as pessoas têm na Dinamarca são admiráveis! Deu uma inveja boa de um dia conseguir ter pelo menos algo próximo em nosso país! Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=OQYoMgB3-Tw&t=7s>

Reino Unido, uma pequena ilha com grandes ideias

O Nuffield GFP não é somente uma viagem para conhecer a cultura e arranjos do mundo agrícola mundial. O forte deste programa é todo o aprendizado que acontece em grupo, junto com 10 colegas de vários países. Depois de oito semanas juntos, somos uma família! Compartilhamos carros, quartos, idéias e sonhos sobre agricultura local. Todos os dias após a visitas reunimos o grupo e cada um tem 2 minutos para falar sobre os principais aprendizados do grupo.

Depois de alguns contratemplos com voos e malas, eis que surgiu a oportunidade de encontrar com o primo e “compadre” Du em Londres. Fazia 2 anos que não nos víamos e, após 30 dias longe da família e amigos, é confortante para um coração latino, falar um pouco de português e tomar uma boa cerveja com um amigo querido.

Nuffield Triennial Conference

Com energia renovada e a cabeça descansada por poder pensar em português um pouco, me reencontrei com minha família GFP. Era o primeiro dia da Conferência Trienal da Nuffield, desta vez sediada em Nottingham. Cada edição desta Conferência ocorre em um país diferente e tem o mérito de reunir Nuffieldianos de todos os cantos do mundo, participantes do programa Nuffield ao longo dos seus 70 anos. Ficamos por uma semana conhecendo fazendas, práticas agrícolas e trocando experiências sobre agricultura. Fiquei impressionado ao ver, e conversar, com produtores rurais de 85, 93 anos que saíram de suas fazendas na Austrália e Nova Zelândia e vieram até a Inglaterra atrás de aprendizados. Desejo eu chegar com esta idade querendo apreender e com saúde para cruzar o mundo!



Figura 21: Fantástico compartilhar ideias com senhores que fazem parte da Nuffield desde 1960

O tema da conferência deste ano foi sobre adequar a produção agrícola ao mercado consumidor, muito foi debatido e foi interessante ver como agricultores estão adicionando valor a sua produção e se conectando mais com seus consumidores abrindo fazendas para visita, beneficiando óleo de canola, plantando quinoa e vendendo em mercado de nicho e inovando. Importante observar como os produtores estão apostando em seu mercado interno de 70 milhões de habitantes para superar os desafios do Brexit, e comparando com o Brasil as vezes queremos somente exportar e damos pouco valor ao nosso grande mercado interno de 200 milhões de habitantes. Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=FL1eyaEcCaw&t=4s>

Reino Unido e o “BREXIT”

A Conferência teve como um dos temas principais o que se costuma dizer "Pequena ilha, Grandes ideias" – apesar de eu achar o Reino Unido uma GRANDE ilha, pela sua história e protagonismo no mundo. Com 17 milhões de hectares de áreas agrícolas e pecuária e 234 mil produtores, o Reino Unido se preparava para sair da União Europeia. O futuro é incerto, mas vejo produtores agrícolas com mentalidade empreendedora preparados para assumir o controle de suas atividades e não deixar as decisões para Bruxelas. O futuro dos pagamentos diretos e subsídios europeus depende muito do que acontecerá com os produtores do Reino Unido. Torçamos para que consigam mais eficiências e se tornem cada vez mais competitivos e conscientes de sua produção.

Experimentos com agroecologia e produção integrada de trigo, cevada e pastagens foram o foco na Universidade de Readings, interessante ver como, às vezes, as pesquisas agrícolas, não somente no Brasil, se detêm em aspectos que os produtores não enxergam muito valor.

Visitamos um empreendimento de mirtilo e morango, de grande escala, voltado para supermercados locais. Os donos também possuem fazendas em Portugal, onde conseguem produzir na entressafra inglesa. O maior desafio, também para eles, é mão de obra para a colheita. Muitas vezes, contratam pessoas do leste europeu, pagando o equivalente a cerca de R\$ 40/hora (\$ 10 libras); conseguem mais fidelidade quando fornecem moradia para essas pessoas. Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=s0LV-eLhE0o&t=15s>

CASE: Reforçando vínculos com os consumidores

Frogmary Green Farms é uma fazenda de 240 hectares que têm como atividades principais a criação de frangos e um digestor anaeróbico (DA) para produção de energia e gás metano que é vendido na rede nacional. A fazenda possui como ponto alto a conexão com o consumidor. Eles possuem um centro de culinária para ensinar as pessoas a cozinhar seus produtos e uma escolinha para receber crianças.

São também uma das fazendas que participam do dia de campo nacional, uma iniciativa que, em 2017, teve 350 fazendas abertas a consumidores da cidade. Ao todo, receberam cerca de 200 mil visitantes aos quais foram apresentadas práticas de produção agropecuária e reforçado o vínculo entre a fazenda e a cidade.

CASE: Produção de leite robotizada

Delingnon Farms produz 12 mil litros de leite por dia, em sistema intensivo, porém, sem ordenhador. A ordenha e a limpeza dos barracões é feita por robôs. Cada robô ordenha 52 vacas que entram na ordenha sozinhas. A média é de 2,7 ordenhas por vaca/dia, com 42 litros por vaca. Todo sistema é automatizado e podemos ver o quanto uma vaca produziu, comeu e se movimentou por dia. O sistema é um pouco futurístico e ainda sem muitas vantagens financeiras, porém, muito interessante ver e também entender o quanto o setor de leite está na frente de outros da agricultura. Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=FL1eyaEcCaw&t=4s>

CASE: Produzindo energia e biogás na fazenda

A fazenda também produz energia renovável a partir de um digestor anaeróbico (DA). Um DA é como um grande estômago de uma vaca de concreto que digere capim para produção de biogás e energia. No caso desta usina, no entanto, na minha opinião, não seria um empreendimento sustentável. Eles alimentam a “vaca” principalmente com silagem de milho, cevada e trigo de alta qualidade e, às vezes, utilizam resíduos da indústria de beterraba.

Uma tonelada de biomassa se converte em 20% de biogás e 35% de matéria orgânica e esterco que voltam para as áreas agrícolas, reduzindo em 40% a necessidade de fertilizante. O calor é destinado para uma estufa de tomate intensivo a poucos metros da usina. A produção é altamente especializada e todo o tomate vai para mercado interno. O tipo cereja chega a ser vendido pelo equivalente a R\$ 12 o quilo.

CASE: Colaboração Overbudy Farm

À tarde, após almoço no centro comunitário de produtores da região, em um prédio do ano de 1525, fomos à Overbudy farm, uma grande fazenda de 1.200 hectares, que na verdade é uma vila de uma rica família inglesa. A fazenda possui 80 casas que são alugadas e um centro de coworking que estimula o empreendedorismo de moradores.

A fazenda também faz parte do projeto Leaf, (www.leaf.org), uma associação de produtores que compartilham boas práticas de agricultura, preservação ambiental, gerenciamento e melhoria da comunidade com outras fazendas do Reino Unido. A fazenda é gerida por um excelente agrônomo, Jake, que é Nuffieldiano. Jake começou a fazer plantio direto e a plantar soja na fazenda. Boa prática e inovação para o Reino Unido e uma má notícia para o Brasil caso ele tenha sucesso.



Figura 22: Programa sustentável de produção de trigo na Overbudy Farm

CASE: JCB

JCB é uma grande fábrica de tratores e carregadores, com presença mundial; está sempre inovando no mercado de grandes marcas. Desta visita, guardei em especial a trajetória do fundador. Após ser demitido da empresa dos primos por ser muito pacato, começou o negócio vendendo pequenas carretas com peças recicladas de sucatas da Segunda Guerra Mundial. Hoje, o negócio é gerido pelo seu filho com presença em diversos países.

EUA – Modelos agrícolas semelhantes, mas com importâncias diferentes

Conhecendo sua história

Importante entender como líderes fortes e com pensamento de longo prazo, baseado em liberdade e igualdade, tiveram papel decisivo na formação da sociedade americana e para manter o país com valores que mudaram toda a história mundial. Com certeza, se não houvesse líderes como Abraham Lincoln durante a Guerra da Secessão (1861 a 1865), a história dos EUA e a do mundo seriam diferentes.

Chama a atenção como o americano valoriza a história do seu país. Eles podem saber muito pouco sobre história mundial ou acharem que a capital do Brasil é Buenos Aires, mas eles conhecem e valorizam bastante sua história e seus líderes.



Figura 23: Volta de bicicleta por monumentos de Washington DC; um pouco de história!

USDA e suas políticas

O Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) é um órgão de extrema importância nos EUA, país que sempre foi uma potência agrícola. A agricultura foi a principal financiadora da industrialização e modernização do país. Criado em 1862, em plena Guerra de Secessão, o USDA possui um orçamento de cerca de US\$ 140 bilhões sendo 80% do montante destinado a programas de auxílio nutricional de famílias de baixa renda dentro dos EUA, algo como uma bolsa que deve ser usada apenas para compra de alimentos.



Figura 24: Visita e apresentação no USDA

A famosa FARM BILL

Os EUA, em 1950, possuíam 22 milhões de produtores e trabalhadores rurais. Hoje, são apenas 2 milhões de produtores rurais e cerca de 1,5 milhão de trabalhadores agrícolas. Isso indica a concentração de terras e um sistema de agricultura que “obriga” o produtor a expandir e ser eficiente para permanecer na atividade. A área agrícola é de cerca de 90 milhões de hectares, o que torna os EUA detentor da maior área agrícola do mundo.

A lei de subsídios do país é diferente da lei europeia, que paga por hectare, não importando o que nem quanto é produzido, o que a caracteriza como um subsídio social que, de alguma forma, evita que a concentração de terras seja tão intensa quanto nos EUA. Na Europa, um produtor recebe o equivalente a US\$ 500/ha/ano (400 euros/hectare/ano), muito mais que a nossa média de lucratividade.

Nos EUA, a política de subsídios é conhecida como Farm Bill e é revista a cada cinco anos – a próxima revisão será em 2018. O programa consiste em oferecer garantia de preços mínimos através de sistema de seguro e pagamentos se os preços de determinadas commodities caírem. Interessante observar que o setor de hortifruti dos EUA não tem subsídios e é um dos mais competitivos do mundo. Os produtores desse setor, inclusive, não desejam subsídios, justamente para não estimular grandes aumentos de sua produção.

CASE: O papel de associações e colaboração entre produtores

Associação das indústrias de defensivos CropLife América (<http://www.croplifeamerica.org/tell-me-more/>) observamos como o sistema de lobby dos EUA é uma “corrupção” legalizada e aberta. Sendo que as associações pagam agentes, lobistas que em muitos casos são pessoas extremamente competentes para “lutar” pelos interesses de suas associações. Normalmente isto envolve em convencer e doar dinheiro para congressistas, porém tudo é feito as claras e registrados, portanto sabemos de onde vem o dinheiro de cada congressista e quem fez a doação. Isto mostra as posições de interesses dos políticos.

Uma ideia interessante que a CropLife América também está utilizando são vídeos informativos para conscientizar a população que defensivos são importante para controlar pragas e doenças. Portanto indústrias concorrentes (Bayer, Monsanto, Syngenta, etc) co-investindo para melhorar imagem da cadeia. Fato que podemos utilizar em diversas associações em nosso setor agrícola. (Exemplo de vídeo utilizando humor usado pela associação: <https://www.youtube.com/user/CropLifeAmerica>). Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=RxmWknAnETA>

Iowa, um estado movido pela agricultura

Após três dias na capital, nosso grupo de agricultores já estava com saudades do campo. Felizmente, já era hora de nos dirigirmos para o Meio-Oeste americano. Pousamos tarde da noite em Des Moines, capital do estado de Iowa. No outro dia, começamos as atividades com uma excelente conversa com o secretário de Agricultura do estado, Bill Northern, um simpático e muito eficiente produtor rural que já participa da política há mais de 20 anos. Esse republicano fez de tudo para nos proporcionar uma fantástica experiência no estado; nos apresentou a produtores rurais, a empresário e a líderes fantásticos pelo estado.

O Meio-Oeste americano respira agricultura e é interessante ver como os produtores são valorizados. Iowa possui 12 milhões de hectares de agricultura, sendo 5,5 milhões de hectares de milho e 4,1 milhões de hectares de soja. Para agregar valor à sua produção, o estado é o maior produtor de suínos do mundo, com 22 milhões de cabeças.

Visitamos as associações de produtores de soja, milho e suínos do estado. Fiquei impressionado com a força e organizações destas associações. Elas são geridas por executivos e técnicos competentes e contratados. Os produtores fazem parte do conselho diretor, mas não do dia a dia da entidade. A associação de soja, por exemplo, investe para promover a aquicultura na Ásia, para, assim, aumentar a venda de soja para aqueles países. Outro exemplo é o patrocínio ao time de baseball local (esporte mais popular), que inclui crianças brincando com bolas de soja gigantes nos intervalos, para promover a valorização da agricultura desde pequenos.

As associações são financiadas por uma porcentagem da venda das commodities, de 0,5 a 1%, e a cada quatro anos é feita uma eleição para ver se os produtores querem que a associação permaneça ou acabe. Na associação de suínos, a aprovação gira em torno de 90%.

Na minha opinião, o sistema de associação de produtores no Brasil deveria partir para modelo similar a este. É preciso desenvolver uma cultura mais colaborativa dos produtores, que inclua até mesmo parcerias com associações de outros países. Brasil, Argentina e EUA controlam 85% da produção de soja do mundo. Por que seus produtores não fazem uma parceira para gerar tecnologia e estimular o consumo?



Figura 25: Crianças brincando com "bolas" de soja para estimular e valorizar a agricultura americana



Figura 26: Vista na associação de produtores de Milho de Iowa

No segundo dia, tivemos uma fantástica conversa com Henry Stine, um dos principais melhoristas de semente do mundo,. Seu foco em produtividade e no produtor rural permitiu que uma empresa pequena competisse com multinacionais que dispõem de muito mais recursos. Hoje, a Stine Seeds (<http://www.stinseed.com/>) possui sementes e tecnologias licenciadas para as principais marcas mundiais.



Figura 27: Henri Stine dando uma aula sobre melhoramento de soja. 2/3 da Soja dos EUA é dele

Após a visita à Stine Seeds, tivemos o prazer de conhecer uma fazenda típica de produtores americanos. Pai e filho tocam a área há quatro gerações. O ponto forte desta fazenda é a gestão que pai e filho mantêm do negócio. O pai, Scot, um senhor que beira os 70 anos, possui dados da fazenda como produtividade, hora homem de trabalho, custos e insumos gastos desde 1967. Tudo feito à mão, em planilhas e cadernetas de controle, provando que não é necessária uma ferramenta tecnológica de última geração para se realizar controle gerencial.

Nesta visita, ficou clara uma das principais diferenças entre os produtores agrícolas dos EUA e os brasileiros. Os produtores de grãos americanos, muitas vezes realizam todo o trabalho, contam com poucos funcionários, muito parecido com produtores do Sul do Brasil. Já a maioria dos produtores brasileiros fica mais na parte gerencial. Isso não é ruim, é apenas diferente. Ruim é quando o produtor fica na parte gerencial e não faz um bom trabalho. Por isto, cada vez mais produtores precisam se capacitar não somente em técnicas produtivas, mas também na área gerencial. Um bom exemplo, e do qual pude participar no Brasil, é a formação de conselhos e boards estratégicos dentro da fazenda. Produtores se reúnem a cada três ou quatro meses com conselheiros para apresentar resultados e corrigir planejamento estratégico do negócio, se necessário.

Mais um dia na Capital Des Moises, e visitamos o World Food Prize (<https://www.worldfoodprize.org/>), uma organização que visa premiar líderes e pessoas que contribuíram com a agricultura e de alguma forma

ajudaram a produzir mais alimentos, combatendo a fome mundial. Nestas oito semanas fantásticas, conhecendo empreendimentos e iniciativas agrícolas pelo mundo, visitar o WFP foi uma coroação. Foi sensacional ver um pouco mais a história de Norman Borlaug, que nasceu em uma pequena fazenda em Iowa e, com trabalho e dedicação, fez com que suas pesquisas e trabalhos ajudassem tantas pessoas pelo mundo.

Existem críticas à Revolução Verde quanto à intensificação do uso de insumos e alguns desafios, mas são inegáveis os avanços que proporcionou e sua importância para o aumento da produção de alimentos. Minha opinião é que toda tecnologia precisa ser sempre aprimorada, ainda mais nos dias de hoje em que as mudanças acontecem rapidamente. Mas, certamente, a Revolução Verde cumpriu e cumpre um grande papel. Devemos estimular também novas práticas de produção, para fomentar, talvez, uma “revolução colorida” ou “revolução arco-íris” que preveja não só aumento de produtividade, mas também a adoção de boas práticas agrícolas, inclusão social e equilíbrio ambiental, que são também as bases do trabalho de Borlaug na Ásia e África.



Figura 28: Salão do World Food Prize



Iowa State University

Outra parada relevante, na Iowa State University. Impressionante a estrutura das universidades americanas e como o sistema funciona. Cerca de 40% do orçamento da universidade vem do estado e 60% são projetos de pesquisa, mensalidade e doações de empresas, de ex-alunos e entidades. A associação dos produtores de milho é a maior contribuinte individual para essa universidade. Esse sistema poderia ser analisado no Brasil a fim de inspirar mudanças na universidade pública que viessem a tirá-la dos apertos e defasagens atuais.

Apesar de toda a estrutura que a agricultura tem em Iowa, também lá, os cursos agrícolas têm dificuldades para atrair jovens. No estado, o jovem paga uma anualidade de US\$ 9.000, quem é de fora do estado paga US\$ 18.000. Mesmo com este subsídio, eles contam com somente 60% das vagas dos cursos de agricultura preenchidas.



Figura 29: Estádio de futebol da Universidade Estadual de Iowa. A Grama é muito bem cuidada; é um grande negócio nos EUA

Outro programa bacana nos foi apresentado pelo departamento de horticultura. Eles têm uma fazenda independente que obtém receita e gera cerca de US\$ 1 milhão por ano com venda de produtos para a comunidade.

Seguindo pelo Corn Belt americano, visitamos a Logview Farm, uma fazenda com cerca de 4 mil hectares, gerida pela família com alta organização, gestão de dados e adoção de tecnologias (<http://longviewfarmsiowa.com/>) Utilizam diversos sistemas de controle de dados, como Granular, ClimateCorp, Farmers Business Network e as ferramentas disponibilizadas pela John Deere. Porém com ressalvas importantes que também pensamos ao contruir nossa plataforma IZAGRO, os sistemas na ânsia de serem completos se tornam complexos, sistemas para serem cada vez mais utilizados por produtores precisam ser simples e gerar valor.

Outro ponto que me chamou atenção foi o filho com 27 anos de idade já ter assumido o negócio e a família ter todo um plano sucessório formado e bem dividido entre os três irmãos. O filho-gestor sabe que o negócio de produção de milho e soja que trouxe a empresa com sucesso até aqui pode não durar para sempre. Por isto, ele começou a fazer experimentos com fazendas verticais de folhosas e outras culturas de maior valor agregado

Nossa última visita foi a uma fazenda integrada de produção de milho e confinamento de bovinos. Como fica próxima a uma usina de etanol de milho, a opção é por vender o milho para usina e utilizar subprodutos para a engorda de animais. Integração lucrativa e interessante, e vale destacar que o estado de Iowa exporta etanol para o Brasil. Vejo uma grande oportunidade e em épocas que a produção e estoques mundiais de milho são cada vez maiores, não vejo porque não termos diversas usinas de etanol de milho em regiões produtoras.



Figura 30: Bomba ilustrativa na Secretaria de Agricultura do estado

Em conversa com o proprietário da Logview Farm, Bill Couser, que é bastante envolvido com a associação de produtores e valorização do produtor nos EUA, ouvi o seguinte: “O produtor deve participar e se sentar nas mesas políticas e de negociações. Se ele não fizer isso, com certeza alguém menos preparado fará por ele”. Veja mais: <https://www.youtube.com/watch?v=AlyFByUwPqE>



Figura 31: Confinamento utilizando subprodutos da usina de milho



Figura 32: Nosso amigo Stuart, Colega Australiano da Nuffield em "Rancho" de reunião da fazenda, homenageando o café do Brasil

Para frente

Obrigado por ter vindo comigo nesta grande experiência que tive, foi uma oportunidade imensa. Espero continuar ajudando a agropecuária e as pessoas de nosso país, que sempre contaram com dedicação e suor de seus participantes.

Em meu trabalho como extensionista, consultor, membro de conselho em fazendas e empreendedor tenho cada vez mais admiração por pessoas que trabalham de sol a chuva, tentando transformar sementes em alimento e energia de forma mais eficiente.

Contem comigo nesta busca por inovações e conhecimento. Hoje vejo que, em um mundo de rápidas e constantes mudanças, para ter sucesso, o produtor não depende somente de suor e trabalho. Precisa de informação atual e relevante para fazer um bom planejamento estratégico. Espero que, ao compartilhar estas experiências que tive, possa também ajudá-lo(la) em seus negócios e idéias.

Se tiver algo que eu possa contribuir com esta jornada, conte comigo.

“Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” - “Cora Coralina

Eng. Agrônomo Murilo Bettarello

mbettarello@viaverde.agr.br

+55 (16) 981320051